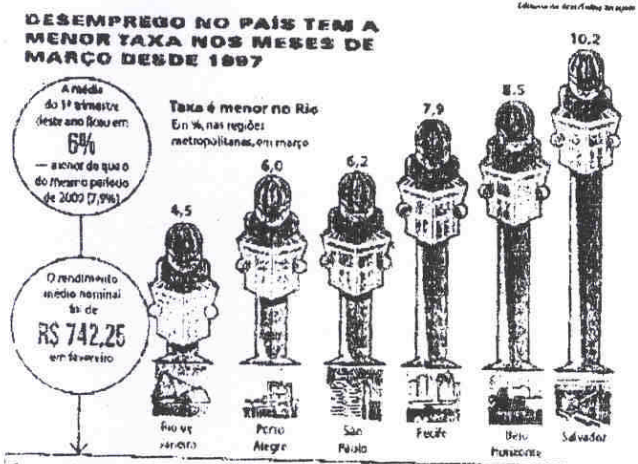
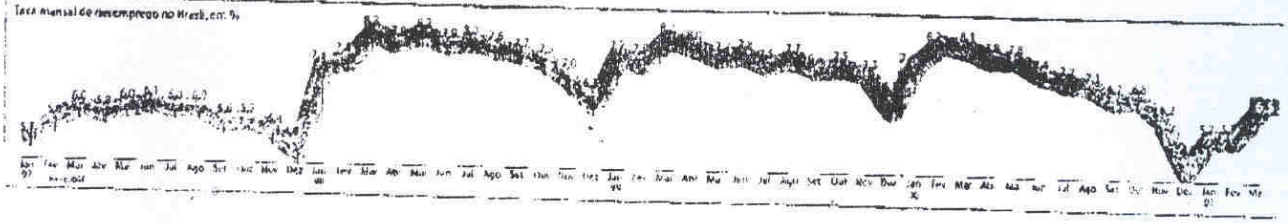
FOLHA DE SÃO PAULO - PÁGINA: B 9 - CAD./COL.: DINHEIRO- DATA: 27.4.2001

TRABALHO *Segundo técnica do IBGE, aquecimento da economia explica melhora nas taxas medidas pelo instituição este ano*

Desemprego de março é o menor desde 97

DESEMPREGO NO PAÍS TEM A MENOR TAXA NOS MESES DE MARÇO DESDE 1997





PEDRO SOARES
DE SUCURSAL DO RIO

A taxa de desemprego em março ficou em 6,5%, a menor para este mês do ano desde 1997, quando foi de 6%. Em março do ano passado, o índice foi de 8,1%.

Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), responsável pela Pesquisa Mensal de Emprego, a redução da taxa de 2000 para 2001 se explica pela recuperação econômica.

"A economia está aquecida e, por isso, os empresários estão mais confiantes para fazer contratações", disse Shyrlene Ramos de Souza, economista do Departamento de Emprego do IBGE. O número de pessoas trabalhando aumentou em relação a fevereiro (0,7%) e a março de 2000 (1,9%).

Apesar disso, a taxa de desemprego subiu na comparação com o mês de fevereiro, quando foi de 5,7%. Desde novembro do ano passado, o índice mensal não ficava acima do patamar de 6%.

Para Shyrlene, a alta de fevereiro para março se deve à sazonalidade. Em fevereiro, mês de Carnaval e de muitos dias úteis, um menor número de pessoas procurava emprego. Em março, crescem a procura por trabalho.

O número de pessoas buscando emprego em março subiu 14,7% em relação ao mês anterior.

O economista da FGV (Fundação Getúlio Vargas) Marcelo Neri, especializado em mercado de trabalho, concorda com a influência do efeito sazonal sobre a taxa de março.

Neri disse que a partir do próximo mês, com o aspecto do reajuste do salário mínimo começando a aparecer na pesquisa, podem acontecer dois movimentos distintos: a elevação do rendimento do trabalhador, que está em queda, e um possível aumento do desemprego. Para ele, o mínimo maior — reajuste de R$ 151 para R$ 180 no dia 1º de abril — pode inibir novas contratações.

O salário médio nominal caiu em fevereiro, em relação a janeiro, tanto para os trabalhadores com carteira assinada como para os sem registro — 1% e 2,2%, respectivamente.

Apesar da alta do desemprego, Neri afirmou que ainda não foi detectada a influência da elevação dos juros e da disparada do dólar.

Para o economista da FGV, ainda há dúvida sobre como a instabilidade vai contaminar o emprego. Ele acredita, porém, que o possível impacto negativo da atual turbulência sobre o mercado de trabalho deve ser menor do que na época da crise asiática, em 1998, quando o desemprego saltou de 4,8% em dezembro para 7,3% em janeiro de 98.